

Sustentabilidade, vulnerabilidade e adaptação alimentar ao ritmo do rio: o papel da cultura na segurança alimentar em Parintins, Amazonas

Othon Henry Leonardos, Centro de Desenvolvimento Sustentável-CDS
Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil – othonleonardos@gmail.com
Alem Silvia Marinho dos Santos, Universidade Estadual do Amazonas,
Parintins, AM, Brasil

O presente estudo objetiva mostrar como o regime de cheias e vazantes do rio Amazonas afeta a mobilidade dos moradores da várzea e da terra-firme na região de Parintins, a oferta e o consumo de alimentos, assim como a segurança e autonomia nutricional e alimentar na região. Ele também demonstra como as variações na escassez ou na abundância alimentar da população local dependem do grau de adaptação humana ao regime pluvial e fluvial das águas e como essa adaptação está vinculada a aspectos da identidade cultural, da fluvio-territorialidade da população e das suas redes de solidariedade e reciprocidade. O estudo baseou-se no trabalho de campo local realizado por um dos autores deste trabalho (ASMS), que por ser residente permanente em Parintins acompanhou e conviveu com famílias residentes tanto em comunidades de várzea quanto de terra-firme, assim como nas anotações de campo e transcrições dos depoimentos gravados que realizou. Trata-se de um estudo de caso que se desenvolveu com abordagem interdisciplinar nos campos da geografia física e geografia humana e das ciências ambientais e da sustentabilidade com aportes das áreas de história, economia, sociologia, nutrição e antropologia. No estudo foram utilizados métodos qualitativos e subjetivos por meio de observações de campo, escuta sensível, observação fenomenológica e métodos quantitativos objetivados por meio de um *survey* aplicado na zona urbana e rural. A metodologia das entrevistas, livres, semi-estruturadas e gravadas foi previamente submetidas e autorizada pelo conselho de ética da Universidade de Brasília. Os dados quantitativos foram processados por meio de programa estatístico (SPSS) para a correlação dos dados demográficos, sociais e de produção e consumo de alimentos, em especial para o cálculo da *pegada ecológica* da carne bovina e do frango congelado (desenvolvido em outro trabalho complementar). Os dados de campo, principalmente dos depoimentos orais dos moradores locais e informações em pesquisas bibliográficas permitiram confirmar a hipótese concebida em viagens prospectivas anteriores dos autores, de que a segurança e a sustentabilidade alimentar cabocla/ribeirinha foram herdadas e são até recentemente sustentadas pelo patrimônio imaterial do saber/fazer milenar indígena de produzir, conseguir e consumir seu próprio alimento, acompanhando o fluxo do rio e o movimento das estrelas. Permitiram também, a percepção dos vínculos identitários e divisões culturais dos moradores ribeirinhos e de terra firme (no espaço rural) e dos moradores dos assentamentos nas vilas semi-urbanas e dos residentes urbanos da cidade em expansão, com modos de vida ambientalmente opostos. Os modos de vida predominantemente móveis e anfíbios foram identificados com os valores culturais nativos, de vida livre ecologicamente equilibrada e de economia de subsistência integrada a redes familiares complexas de solidariedade e de reciprocidade. Predomina aqui o escambo de uma grande variedade de peixes frescos e alimentos colhidos na várzea antes do período das enchentes por carne

bovina e alimentos produzidos na terra firme antes da vazante complementado (em tempos recentes) por uma pequena quantidade, mas crescente, de alimentos industrializados, disponíveis nos mercados locais (exportados dos grandes centros industrializados do sul a milhares de quilômetros de distância). A mobilidade nesse cultura é tanto humana quanto dos animais criados e segue o fluxo das enchentes e vazantes. Não raro, como se verifica entre outros ribeirinhos amazônidas, uma mesma família e até mesmo o mesmo dono possui habitações na várzea e na terra firme e o escambo e o fluxo de mercadoria restringe-se a parentes e amigos próximos. Nesta categoria que ainda predomina entre os ribeirinhos das águas 'brancas' da Amazônia a alimentação é sadia e diversificada e a segurança e soberania alimentar e nutricional é alta, apesar da tendência de perda pela introdução de novos alimentos de baixo valor nutricional como farinhas refinadas, aves congeladas consumidas predominantemente no modo urbano sedentário de estar. Este, por sua vez, é identificado por valores (neo) colonizadores recém introduzidos por migrantes urbanos do nordeste e sul do país que ainda não se identificaram como pertencentes ao território que os hospeda e os devia nutrir. Em grande parte a alimentação dos moradores depende de suprimento externo sujeito às oscilações do mercado e do assistencialismo governamental para as classes economicamente menos favorecidas. O papel aqui exercido pelos alimentos produzidos nas hortas e pomares residenciais são de grande importância para a segurança e diversidade alimentar e para a diminuição de sua vulnerabilidade face às mudanças ambientais, sociais e econômicas esperadas na crise global que se anuncia. Ao contrário da percepção de cientistas sociais renomados que identificaram fome e escassez de alimentos na Amazônia, em virtude da ausência de alimentos da tradição alimentar européia a que estavam acostumados, a alimentação dos ribeirinhos foi tradicionalmente farta. Tal fartura esta hoje ameaçada por políticas desenvolvimentistas que querem implantar a monocultura do dendê nas planícies aluvionares amazônicas mudando o cotidiano alimentar do ribeirinho que conserva as matas, segue e se adapta ao fluxo do rio. Políticas públicas alternativas baseadas nos princípios da precaução, da sustentabilidade da vida e da responsabilidade que valorizem a agricultura familiar e o saber/fazer tradicional caboclo e indígena podem preparar as comunidades para que melhor se adaptem a secas e inundações recordes ainda mais intensas, como previstas pelo IPCC, evitando-se assim grandes tragédias humanas.